



ASSOCIAÇÃO PIAUIENSE DE CULTURA SUPERIOR – SOCULTURAS
INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
Credenciado pela portaria do Ministério da Educação nº429 publicado no D.O.U nº84 em 06 de maio de 2009

ISSN – 2317-2487

Θ ϕ

REVISTA

TEÓFILO

A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM DE “DEUS” E DA COMPREENSÃO DE
“PERDÃO” EM *HAMLET*, DE SHAKESPEARE

Marly Gondim Cavalcanti Souza⁵⁸

RESUMO

Este artigo situa-se na área da Teopoética, no sentido conferido por Osvaldo Luiz Ribeiro (2007), doutor em Teologia, buscando explorar, na tragédia *Hamlet*, do autor inglês William Shakespeare, a imagem de “Deus” e a compreensão de “perdão” no texto literário. Representação, nesta pesquisa, é entendida como relacionada ao termo crítico e filosófico grego *mimesis*. A metodologia utilizada foi, primeiramente, de abordagem da relação entre Teologia e Literatura; em segundo, a imagem de “Deus” e a compreensão de “perdão”, numa ótica cristã; em terceiro lugar, a análise do texto artístico pelo ângulo dos dois elementos teológicos acima citados.

Palavras-chave: Deus, perdão, Teologia, literatura, Hamlet.

ABSTRACT

This article situates itself in Theopoetics field, in the sense conferred by Osvaldo Luiz Ribeiro (2007), PhD in Theology, aiming to explore, in Hamlet’s tragedy, of English author William Shakespeare, the image of “God” and the understanding of “forgiveness” in the literary text. “Representation”, in this research, is understood as related to the critical philosophical Greek term *mimesis*. The used methodology was, firstly, an approach to the relationship between Theology and Literature; secondly, the “God” image and understanding of “forgiveness”, in a Christian view; and thirdly, the analysis of artistic text through the two theological elements aforementioned’s lens.

Keywords: God, forgiveness, Theology, literature, Hamlet.

1 INTRODUÇÃO

⁵⁸ Doutora em Teoria da Literatura e em Literatura Comparada. Bacharel em Teologia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI.

Este trabalho de pesquisa insere-se nos estudos da área da Teopoética – abordagem interdisciplinar de Teologia e Poética, conceituada como “elemento sagrado tomado como presente na plástica narrativa, na obra de arte poético-literária” (RIBEIRO, 2007, *on-line*)⁵⁹. A área da Teopoética, segundo Carlos Caldas (2004, p. 163), explora as “interfaces Literatura-religião e Literatura-Teologia” e “está cada vez mais presente nas principais escolas de Teologia e Ciências da Religião do mundo. É sempre crescente o interesse em estudar religião na perspectiva da Literatura.”. Trata-se, desse modo, de uma área de estudos que desponta nas pesquisas acadêmicas, sendo as interconexões entre Literatura (poesia e prosa) e Teologia registradas nas mais destacadas e avançadas instituições de ensino de ciência(s) da religião e Teologia, tanto as de tradição protestante quanto as de tradição católico-romana, ou estatais, no Brasil e no mundo.

É importante destacar a necessidade de se realizarem leituras e análises de obras literárias pela ótica do conhecimento teológico. No caso do estudo que ora apresentamos, isso se fez de capital relevo e substância tanto para um aprofundamento na escritura de William Shakespeare, destacado e renomado escritor inglês, quanto para o estudo da Teologia cristã.

Faz-se necessário apontar, ainda, a Literatura como portadora de todo um contexto social, político e religioso de uma sociedade e de uma determinada época, bem como a visão de mundo, expressa em uma obra literária, trazendo consigo um bojo de conhecimentos e de valores próprios.

O objetivo do presente artigo é, nesse sentido, analisar a representação de dois aspectos da Teopoética: “Deus” e o “perdão”, na obra *Hamlet*, de William Shakespeare. Optou-se por uma abordagem interdisciplinar, porque se reconhece, em consonância com o pensamento de João Décio Passos (2010, p. 110), que “um único modelo interpretativo não dá conta da complexidade inerente a qualquer recorte da realidade”.

Toma-se por “representação” a noção de *mimesis*, originária da cultura grega do século IV a.C., a qual remete a “‘imitação’, ‘representação’, ‘indicação’, ‘sugestão’, ‘expressão’, sempre referente à ideia de fazer ou criar algo que se assemelhe a outra coisa.” (OLIVEIRA, 2017, *on line*)⁶⁰. Assim, considera-se que, na obra em estudo, acontece a representação dos dois aspectos teológicos explorados: a imagem de “Deus” e a compreensão de “Perdão”, com um nexos original, visto se inserirem numa obra literária classificada como

⁵⁹ Texto sem numeração das páginas.

⁶⁰ Texto sem numeração das páginas.

tragédia e, ainda por cima, “tragédia de vingança”, noções que, normalmente, não suportariam conhecimentos teológicos.

A metodologia utilizada foi estruturada em três passos: o primeiro, voltado para a relação entre Teologia e Literatura; o segundo, para o estabelecimento das imagens de “Deus” e compreensão de “Perdão”, na visão cristã; o terceiro, para o destaque, na obra de Shakespeare, de trechos referentes a esses dois elementos, seguidos de uma breve análise pela ótica interdisciplinar que envolve Teologia e Literatura.

2 RELAÇÃO ENTRE TEOLOGIA E LITERATURA

A afinidade interdisciplinar entre Teologia e Literatura se estabelece por serem ambas, primeiramente, experiências humanas (antropológicas), como declara Maria Clara Luchetti Bingemer (2015). Segundo essa autora, são duas as principais pontes que ligam a Teologia à Literatura: a inspiração e a palavra. A inspiração teria sua origem no Espírito de Deus – é o mesmo Espírito, que “sopra onde quer” (Jo 3, 8), que inspira profetas e hagiógrafos⁶¹, bem como o artista escritor. A palavra é a matéria prima da Literatura – arte verbal e constitui ainda o nascedouro da Teologia – a “Palavra pronunciada por Deus e ouvida pelo ser humano na história” (BINGEMER, [s.d.]). Não é sem lógica que as três religiões monoteístas⁶² são chamadas de “Religiões do Livro”. “Parece ser porque sentiam que as palavras ouvidas no coração e experimentadas na fé eram palavras inspiradas e, portanto, não podiam se perder.” (BINGEMER, [s.d.]). Também porque “Não é pensável ou inteligível sem essa Escritura que no Judaísmo é o sinal concreto e sensível da presença de Deus no meio do povo, no Alcorão é o próprio Verbo feito livro e no cristianismo é o texto sagrado que narra a história das amorosas relações de Deus com esse povo.” (BINGEMER, 2015, p. 17).

A Literatura é a arte da palavra, tomada no seu recurso simbólico, isto é, a Literatura não deseja “dizer” denotativamente algo; busca, antes, sugerir, ressignificar, tratar da realidade sem confundir-se com ela, *in absentia*. Isso não significa que Literatura, por sua ficcionalidade, seja falsa, composta de mentiras, mas que a linguagem literária é simbólica ou seja, através dela, pode-se perceber todo um universo, todo um conhecimento, toda uma experiência humana.

⁶¹ Escritor do sagrado (possuído por inspiração divina). Autor que escreve sobre a vida dos santos. Nome dado à terceira parte do AT na coleção judaica. Compreende os livros que não pertencem ao Pentateuco e aos profetas mais antigos (livros históricos) nem aos profetas mais recentes (livros proféticos). (HAGIÓGRAFO. Dicionário Informal, *on line*).

⁶² Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

A linguagem que aproxima a Literatura da Teologia é exatamente aquela usada pela Bíblia – a da fé - que é composta de um vocabulário específico e único. Vê-se, então, que a literatura penetra o texto bíblico pela poesia, pela expressão do belo, em linguagem própria, bem como encontra-se aí a razão de, na sua linguagem, a Bíblia possuir, como também a Literatura, uma linguagem simbólica, metafórica⁶³, não necessariamente científica, porém com elementos de verdade.

Sesboüé (2000, p. 81) esclarece que

Hay por tanto códigos de lenguaje que indican que tales o cuales palabras son atribuídas a Dios. El más frecuente es el de la *teofania* (es decir, la manifestación de Dios). [...] La teofanía más importante del Antiguo Testamento es evidentemente la del Sinaí, en la cual Moisés recibe las tablas de la Ley. [...] El Nuevo Testamento tiene también sus teofanías. Los ángeles en el cielo anuncian el nacimiento de Jesús de manera gloriosa. La voz de Dios resuena en el momento del bautismo de Jesús, autenticando su misión delante de los hombres. La misma voz se deja oír también en el momento de la transfiguración, con el signo de la nube. El temblor de tierra que acompaña a la muerte de Jesús en Mateo es un signo de tipo teofánico.⁶⁴

Hamlet, obra do grande escritor britânico William Shakespeare (1564-1616), é geralmente classificada como uma tragédia de vingança, visto que, nessa peça, a vingança aparece logo no início, no Ato I, Cena V, quando o espectro fala para Hamlet: “Vinga esse assassinio vil e antinatural.” (SHAKESPEARE, 2015, p. 77), e perpassa a obra até o final, quando, no Ato V Cena II, o próprio Hamlet concretiza a vingança da morte de seu pai, o rei, dando o cálice envenenado para Cláudio, seu tio, tirano e usurpador (SHAKESPEARE, 2015, p. 191) - sendo objeto de uma ampla gama de estudos.

3 IMAGENS DE “DEUS” E COMPREENSÃO DE “PERDÃO” NA RELIGIÃO CRISTÃ

A imagem, ou melhor, as imagens traçadas de “Deus” podem ser percebidas já desde o primeiro livro da Bíblia, o Gênesis (33,20), o qual relata que Jacó “levantou ali um altar que

⁶³ Metáfora – “palavra ou frase adequada a um contexto, mas usada em outro, nenhuma construção metafórica pode ser univocamente aplicada, ou seja, aplicada na forma de identidade. Dizer que ‘Deus é mãe’, não é identificar Deus com a mãe, mas entender Deus à luz de algumas das características associadas ao ser mãe.” (McFAGUE, 1996, p. 43). “É uma tentativa de dizer algo sobre o que não é familiar em termos do que é familiar, uma tentativa de falar sobre o que não sabemos em termos do que fazemos” (ibid., p. 58).

⁶⁴ Há, portanto, códigos de linguagem que indicam que tais e quais palavras são atribuídas a Deus. O mais frequente é o da *teofania* (que quer dizer a manifestação de Deus). [...] A teofania mais importante do Antigo Testamento é evidentemente a do Sinai, na qual Moisés recebe as tábuas da Lei. [...] O Novo Testamento também possui suas teofanias. Os anjos no céu anunciam o nascimento de Jesus de maneira gloriosa. A voz de Deus ressoa no momento do batismo de Jesus, autenticando sua missão diante dos homens. A mesma voz se deixa ouvir também no momento da transfiguração, com o sinal da nuvem. O tremor de terra que acompanha a morte de Jesus em Mateus é um sinal de tipo teofânico. (Tradução nossa).

chamou “El, o *Deus* de Israel” (grifo nosso). Nos Atos dos apóstolos (17, 22ss), uma imagem de Deus se apresenta quando Paulo profere discurso aos atenienses, no areópago, sobre o Deus que ele anuncia: o “Deus desconhecido”, cujo altar Paulo encontrou em Atenas, classificando os atenienses de “os mais religiosos dos homens” (v. 22). Estabelece-se, assim, a relação entre os dois Testamentos, o Deus de Abraão é o mesmo Pai de Jesus Cristo, “o único Deus vivo”.

Na Carta de Paulo aos Romanos, na parte do Endereço, logo no início, em sua identificação, Paulo deixa bem clara a imagem de Deus para ele:

Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, escolhido para anunciar o Evangelho de Deus, que ele já tinha prometido por meio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras, e que diz respeito a seu Filho, nascido da estirpe de Davi segundo a carne, estabelecido Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos, segundo o Espírito de santidade, Jesus Cristo nosso Senhor, por quem recebemos a graça e a missão de pregar, para louvor do seu nome, a obediência da fé entre todas as nações, das quais fazeis parte também vós, chamados de Jesus Cristo,... (Rm 1, 1-7a).

Mais uma vez, Paulo exprime com precisão uma imagem de Deus: Aquele cujo Verbo já havia sido predito pelo Antigo Testamento das Sagradas Escrituras, nascido da carne (de Maria), na linhagem do rei Davi (através de seu pai, José), estabelecido como divino pela sua ressurreição dos mortos. Ainda na Carta de Paulo aos Romanos 1, 19-20, Deus é conceituado a partir de suas obras, quando o apóstolo afirma: “Pois o que de Deus se pode conhecer é a eles manifesto, já que Deus mesmo lhes deu esse conhecimento. De fato, as perfeições invisíveis de Deus – não somente seu poder eterno, mas também a sua eterna divindade – são claramente conhecidas, através de suas obras, desde a criação do mundo.”

Consequentemente, a imagem para Deus pela ótica cristã, primeiramente, remete para o Deus-Pai, o Criador, a primeira pessoa da Santíssima Trindade: “O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, o Senhor do céu e da terra [...] ele que a todos dá vida, respiração e tudo o mais” (At 17, 24a.25). É o Ser Supremo das religiões monoteístas, divindade central das religiões abraâmicas (dentre outras, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo). Nos oito axiomas⁶⁵ de Latourelle e Fisichella (1994, p. 217), Deus é assim conceituado:

⁶⁵ “Postulados de caráter fundamental e geral, atinentes à lógica da afirmação de fé e à estrutura do significado na afirmação religiosa”. (LATOURELLE; FISICHELLA, 1994, p. 217). “Axiomas são verdades inquestionáveis universalmente válidas, muitas vezes utilizadas como princípios na construção de uma teoria ou como base para uma argumentação.” (AXIOMA, *on line*).

1. “Axioma fundamental: O Deus revelado é o Deus escondido”⁶⁶; 2. “Axioma gnosiológico: o Deus conhecido é o Deus incompreensível”⁶⁷; 3. “Axioma ontológico: o Deus imanente é o Deus transcendente”⁶⁸; 4. “Axioma da identidade: Deus é Deus, e só o Senhor é Deus”⁶⁹; 5. “Axioma da realidade: Deus deve ser pensado necessariamente como realidade”⁷⁰; 6. “Axioma ético: o Deus da confiança é o Deus do temor e vice-versa.”⁷¹; 7. “Axioma da relação: a linguagem teológica supõe a relação religiosa entre o homem e Deus.”⁷²; 8. “Axioma conclusivo: o Deus santo e eterno revela-se como Senhor da aliança e Pai de fidelidade e de bondade.”⁷³

Deus é conceituado, na ótica cristã, por André Torres Queiruga⁷⁴ (1991, p. 11), a partir da seguinte perspectiva:

Si queremos saber cómo es Dios, cómo nos ve y se comporta con nosotros, no tenemos mejor camino que el de mirar para Jesús. [...] Si prolongamos, como una flecha indicadora, eso que él es, estamos seguros de apuntar hacia Dios: servicio al pobre, amor y ternura, preocupación por el hombre más allá de toda ley y poder, respeto a todos, falta de egoísmo... Por ahí es por donde, con toda certeza, podemos estar seguros de que se nos aparece el Señor y se nos descubre su verdadero rostro.⁷⁵

Assim, Jesus é a personificação de Deus no meio dos homens, revelando-O através de seu comportamento: serviço ao pobre, amor e ternura, preocupação com o homem, além de toda lei e de todo poder, respeito a todos, falta de egoísmo...

A imagem de Deus, pela ótica cristã, considera, ainda, a terceira pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo, como destaca Sesboüé (2000, p. 465): “La tradición Cristiana

⁶⁶ “[...] o Deus que se revela como misericordioso e fiel na ‘historia salutis’ é o mesmo Deus encoberto e escondido, criador do universo, referencial último da realidade contingente, que habita na luz inacessível do mistério.” (LATOURELLE; FISICHELLA, 1994, p. 217).

⁶⁷ “afirma a equivalência entre o ‘deus cognoscibilis’ e o ‘deus incomprehensibilis’”. (LATOURELLE; FISICHELLA, loc. cit.).

⁶⁸ “O axioma exprime a tensão entre proximidade e distância na experiência religiosa. O Deus da aliança e da eleição, da predestinação e da graça, é idêntico ao Deus da criação, metatemporal e meta-espacial transcendendo o mundo.” (Idem, p. 218).

⁶⁹ “Proclama o monoteísmo exclusivo da religião profética, enunciando a monarquia divina sobre a religião e sobre a história”. (LATOURELLE; FISICHELLA, loc. cit.).

⁷⁰ “Na ontologia do ‘*summum esse*’ coincidem ideia e ser, potência e ato, existência e essência.” (LATOURELLE; FISICHELLA, loc. cit.).

⁷¹ “A realidade divina não só se revela como absoluta e necessária, transcendente e incondicionada, mas também como pessoal e espiritual, inteligente e livre.” (LATOURELLE; FISICHELLA, loc. cit.).

⁷² “Na linguagem religiosa, não teria sentido falar do objeto da religião, esquecendo o sujeito religioso; tanto mais que Deus transcende o esquema sujeito-objeto, sendo ele ontologicamente o sujeito absoluto, reconhecido como realidade pessoal. [...] Este axioma permite entender a linguagem bíblica sobre a justiça e sobre a misericórdia de Deus.” (LATOURELLE; FISICHELLA, loc. cit.).

⁷³ “Este axioma afirma a identificação entre o Deus encontrado na teofania sacral, na experiência da vida sacramental ou no êxtase místico, e o Deus da revelação bíblica, que proclama sua justiça e fidelidade, anunciando a vitória da graça sobre o mal e sobre o pecado.” (LATOURELLE; FISICHELLA, loc. cit.).

⁷⁴ Nascido em Ribeira, Galiza, em 1940, é escritor e teólogo. Estudou no Seminário de Santiago de Compostela e na Universidade de Comillas. Foi professor de Teologia no Instituto Teológico de Compostela e de Filosofia da Religião na Universidade de Santiago de Compostela.

⁷⁵ Se queremos saber como é Deus, como nos vê e se comporta conosco, não temos melhor caminho que o de olhar para Jesus. [...] Se prolongamos, como uma flecha indicadora, isso que ele é, estamos seguros de apontar para Deus: serviço ao pobre, amor e ternura, preocupação com o Homem que vai além de toda lei e poder, respeito a todos, ausência de egoísmo... É por aí que, com certeza, podemos estar seguros de que se nos aparece o Senhor e se nos revela seu próprio rosto. (Tradução nossa).

occidental, inspirada em san Agustín, ha desarrollado una concepción según la cual el Espíritu es la personificación del amor entre el Padre y el Hijo. En Dios, que es todo amor, está ‘el que ama, el que es amado y el amor’.⁷⁶ Assim, o Espírito Santo é o próprio Deus-Amor que se dá aos homens para que eles vivam no amor dEle.

A experiência com o absoluto é própria a toda e qualquer cultura humana. Bernard Sesboüé (2000, p. 39) assim expressa a existência inquestionável de Deus na vida humana: “Lo queramos o no, late em nosotros la cuestión del absoluto, o del misterio absoluto de nuestra existencia. Esta cuestión ha tomado en la historia de la humanidad el nombre de Dios.”⁷⁷ Nesse sentido, Deus existe na humanidade como o absoluto, como o mistério de nossa própria existência, queiramos ou não. Finalmente, na religião cristã, Deus é o Eterno, três pessoas em um só Deus: Pai (não criado e não gerado), Filho (Jesus Cristo, gerado) e Espírito Santo (dom doado pelo Pai e pelo Filho).

Para a compreensão de “perdão”, pode-se tomar, primeiramente, sua inscrição na Sagrada Escritura, perpassando desde o Antigo Testamento até o Novo Testamento. No Dicionário Enciclopédico da Bíblia (BORN, 1992), no verbete “Perdão dos pecados”, observa-se a evolução da ideia bíblica do “perdão”: no Antigo Testamento, o sentido era de “dispensa do castigo e a restauração da felicidade”, como se pode notar no livro do profeta Jeremias (18, 8.10): “⁸e a aquela nação volta atrás das maldades que eu havia denunciado, desisto das desgraças que havia planejado contra ela. [...] ¹⁰ e ela pratica o que a meu ver é crime e não obedece à minha palavra, então eu desisto do bem que lhe havia prometido.”. Na pregação dos profetas, ocupa lugar privilegiado, como sendo o “primeiro efeito da salvação operada por Javé”. No Novo Testamento, o perdão encontra sua expressão máxima em Jesus Cristo, especialmente no Cristo ressuscitado e glorificado, como se lê no livro dos Atos dos Apóstolos (5, 31): “Deus, porém, por seu poder, o exaltou, tornando-O Líder e Salvador, para propiciar a Israel a conversão e o perdão dos seus pecados.” O Ressuscitado “comunica sua vida ao homem individual pela fé (que aqui é quase sinônimo de conversão) e pelo batismo, no qual o perdão operado por Cristo é aplicado a cada um.” O perdão só encontra justificativa em Deus, como está registrado no Evangelho de Lucas (15,11-32), na chamada Parábola do Pai Misericordioso. Desse modo, Deus é a origem da misericórdia. “Ser misericordioso

⁷⁶ A tradição cristã ocidental, inspirada em Santo Agostinho, desenvolveu uma concepção segundo a qual o Espírito é a personificação do amor entre o Pai e o Filho. Em Deus, que é todo amor, está “o que ama, o que é amado e o amor”. (Tradução nossa).

⁷⁷ Queiramos ou não, lateja em nós a questão do absoluto, ou do mistério absoluto de nossa existência. Esta questão tem tomado na história da humanidade o nome de Deus. (Tradução nossa).

significa, antes de tudo, ser capaz de colaborar com a salvação das pessoas, ser capaz de perdoá-las”. (CNBB, 13 nov. 2017).

Humanamente falando, o perdão não encontraria justificativa, pois a sociedade exige punição para aqueles que erram. Exemplo disso é a própria existência do Código Penal (CP) (BRASIL, 1998), segundo o qual, para cada ato considerado crime, abre-se a possibilidade jurídica de imposição de sanção – a punição. Juridicamente, é polêmica a concessão do perdão, apesar de o Art. 107 do CP prever situações de extinção da punibilidade, sendo que o Art. 120 do mesmo Código alerta que essa extinção não se repete: “art. 120 - A sentença que conceder perdão judicial não será considerada para efeitos de reincidência.” Isso contraria fundamentalmente o mandado de Jesus Cristo a Pedro, no Evangelho de Mateus (18, 20-21): “²⁰Pedro dirigiu-se a Jesus, perguntando: ‘Senhor, quantas vezes devo perdoar, se meu irmão pecar contra mim? Até sete vezes?’ ²¹Jesus respondeu: ‘Digo-te, não até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.’”

O Ano da Misericórdia trouxe, no seu conteúdo, o destaque para a Carta Encíclica “*Dives in Misericordia*” [A misericórdia divina], de São João Paulo II (1981), cuja afirmação inicial é: “Deus que é rico em misericórdia (Ef 2,4) é aquele que Jesus Cristo nos revelou como Pai”. (JOÃO PAULO II, 1981, p. 5). Aqui se encontra a relação entre os dois elementos presentes no título deste trabalho de pesquisa: “Deus” e “perdão”. “Deus atrai a si o universo, revelando sua misericórdia infinita e sua graça predestinante, na eleição e na aliança, no esplendor da criação e no mistério da ‘*história salutis*.’” (LATOURELLE; FISICHELLA, 1994, p. 213).

Jesus mesmo, no período de sua vida pública de ensinamentos e curas, faz da misericórdia um dos seus temas centrais (JOÃO PAULO II, 1981, p. 14). É o próprio Cristo quem faz o apelo para que os homens orientem suas vidas pelo amor e pela misericórdia (JOÃO PAULO II, 1981, p. 15). Ele tenta convencer-nos desse apelo para o perdão: “Convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1, 15). Sesboüé (2000, p. 344) explica que “Desde lo alto de la cruz nos invoca, nos suplica incluso que nos convirtamos al amor. La ‘conversión’ de Dios a nosotros hasta la muerte nos invita a convertirnos a él y nos da la posibilidad de responder a este amor con nuestro amor.”⁷⁸. A conversão ao amor de Deus leva os homens à prática do perdão entre si, pela promessa de salvação para aqueles que se perdoarem uns aos outros.

⁷⁸ Do alto da cruz nos invoca, até nos suplica que nos convertamos ao amor. A ‘conversão’ de Deus a nós até a morte nos convida a nos convertermos a Ele e nos dá a possibilidade de responder a este amor com o nosso amor. (Tradução nossa).

O perdão existe, assim, em duas dimensões: a vertical – entre os homens e Deus: “E acrescentou (o bom ladrão): ‘Jesus, lembra-te de mim, quando começares a reinar’. Ele respondeu: ‘Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso’” (Lc 23, 41-42); e a horizontal – entre os homens: “Portanto, quando estiveres levando a tua oferenda ao altar e ali lembrares que teu irmão tem algo contra ti, deixa a tua oferenda diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão. Só então, vai apresentar a tua oferenda”. (Mt 5, 23-24).

Logo, perdoar não é um sentimento, é ação deliberada de liberar o ofensor para que ele viva a alegria de ser perdoado, para também perdoar aos seus ofensores. “Perdoar significa não querer a punição para quem é culpado, mas sim criar condições para que ele possa se reerguer e reparar o mal que realizou.” (CNBB, 13 nov. 2017). O perdão é gerado no íntimo da pessoa que, deliberadamente, decide concedê-lo a seu agressor. Não se trata de esquecer o que aconteceu, mas de lembrar sem sentir dor, nem se aprisionar, em um ato de fé, considerando o amor de Deus por todas as pessoas e seu mandado de perdoar infinitamente (Mt 18, 20-21) para que sejamos também perdoados por Deus – o que acontecerá na mesma medida (Mt 6, 14-15).

4 EVIDÊNCIAS DA REPRESENTAÇÃO DE “DEUS” E DE “PERDÃO” EM *HAMLET*

Na obra foco desta pesquisa, corroboramos a visão de Rubem Jaimes (2013), em alguns pontos do seu comentário sobre *Hamlet*, de Shakespeare: primeiro, quando afirma: “Esta obra fue escrita en tiempos de agitación religiosa y en los albores de la restauración inglesa”⁷⁹. Isso se explica pelo tempo de produção da peça ser marcado por um afastamento da Igreja Católica, diante da criação da Igreja Anglicana, motivada pela vontade do rei de se divorciar de sua mulher Catarina e desposar Ana Bolena, ação não autorizada pelo Papa Clemente VII, sob a alegação de que: “o Direito Divino dos reis substituíra a autoridade da Igreja” (HENRIQUE VIII, *on line*)⁸⁰. Por outro lado, elementos da vida cristã católica podem ser observados em vários trechos, como quando Polonio evoca o mistério da Sagrada Eucaristia: a primeira vez, no Ato II, Cena I, em conversa com seu criado, Reinaldo (SHAKESPEARE, 2000, p. 42), bem como no Ato III, Cena III, em conversa com o príncipe Hamlet, quando exclama: “Pela Santa Missa,[...]”.

⁷⁹ Esta obra foi escrita em tempos de agitação religiosa, no início da Restauração inglesa. (Tradução nossa).

⁸⁰ Texto sem indicação do número das páginas.

Uma referência à Igreja Católica é observada na fala do espectro do rei Hamlet, da Dinamarca, quando aparece ao príncipe Hamlet, solicitando a vingança de sua morte (SHAKESPEARE, 2000, p. 37). O rei fora assassinado sem ter direito ao sacramento da Unção dos Enfermos (“sem óleos”), bem como ao sacramento da Reconciliação (“confissão”) e ao sacramento da Eucaristia (“nem sacramentos”). Referência à prática cristã está em outra parte da fala do rei da Dinamarca, através do espectro: “Não consintas que o leito real da Dinamarca fique como catre de incesto e de luxúria. Contudo, se nesse ato te empenhares, não te manches. Que tua alma não conceba nada contra tua mãe; ao céu a entrega, e aos espinhos que o peito lhe compungem. Deles seja o castigo.” (SHAKESPEARE, 2000, p. 37). A vingança solicitada pelo espectro não é a do pai, mas a do rei – e esta era perfeitamente aceitável na cultura da época, porém o pedido de que não se manche nem se trame nada contra a mãe está assentado em princípios cristãos.

a) DEUS

É possível contar trinta e oito registros do vocábulo *Deus*, com letra maiúscula⁸¹ e no singular, na peça em análise, do bardo britânico, na versão em português, de 138 páginas, disponível *on line*, pela VirtualBooks (SHAKESPEARE, 2000). A referência a “deuses”, no plural, acontece apenas três vezes, em toda a peça, enquanto o vocábulo “deus”, com letra minúscula, aparece apenas duas vezes. Apenas por esse levantamento inicial, já é possível constatar a preponderância da referência a *Deus*, com letra maiúscula, sobre as demais, demonstrando, assim, que o autor tem intenção de, no uso do vocábulo “Deus”– referir-se à imagem cristão da primeira pessoa da Santíssima Trindade, conforme os seguintes registros da representação de “Deus”:

No Ato I, Cena II (p. 23-24):

HAMLET Oh! Se esta carne por extremo sólida pudesse derreter-se, fundir-se, resolver-se em orvalho! Ou se a Eternidade não tivesse estatuído uma lei contra o suicida! Ó **Deus!** Ó **Deus!** Como todos os gozos deste mundo me parecem fastidiosos, gastos, rasteiros, improficuos! Apre! Que horrível mundo! (Grifos nossos).

⁸¹ O Manual de Redação da PUCRS estabelece dois usos para a letra maiúscula: iniciar um período e dar destaque a uma palavra. Neste segundo propósito, “permite o uso de inicial maiúscula por ‘especial relevo’, por ‘deferência, consideração, respeito’, quando ‘se queira realçar’, ou na designação de ‘alto conceito’, ‘altos cargos, dignidades ou postos.’ Assim, sempre se poderia justificar o uso de maiúsculas pela ‘ênfase’ ou ‘destaque’”. (PUCRS, [s.d.]).

Nesse excerto, tem-se um exemplo da primeira das quatro metáforas de Deus em nossa história, segundo a teoria de Queiruga (1991, p. 24-26)⁸²: Deus, o fundamento do ser. Percebe-se que Hamlet considera Deus como um fundamento para o seu ser.

Além de fundamento, Deus é considerado por Hamlet como seu grande companheiro, contemplando a segunda metáfora de Deus, de Queiruga (1991, p. 24-26): Deus ao nosso lado. A frase proferida por Hamlet: “se a Eternidade não tivesse estatuído uma lei contra o suicida! Ó Deus! Ó Deus!” evidencia a visão de Deus como substrato para todo o seu comportamento, bem como o do seu companheiro, aquele que está sempre perto, impedindo, através de seu testemunho de amor, que Hamlet cometa um desatino (suicídio). Se Deus se afastasse de Hamlet, com certeza, este tentaria contra sua vida. Nesta mesma fala do personagem, percebe-se o quanto sua vida é voltada para os ensinamentos de Cristo, quando afirma: “Mas... quebra coração; é força que eu me cale.”, constituindo clara referência ao cumprimento do respeito devido aos pais, quarto mandamento da Lei de Deus, bem como da força que exerce em seu comportamento.

A quarta metáfora de Deus, citada por Queiruga (1991, p. 31-39) em sua teoria sobre o rosto de Deus em nossa história, Deus é Pai/Mãe, o Salvador, está claramente expressa na fala de Marcelo⁸³, um oficial do castelo de Elsinore, palácio real dos reis da Dinamarca, no Ato I, Cena I (p. 19):

MARCELO: Quando o galo cantou, desvaneceu-se. Dizem que quando o tempo se aproxima de a data festejarmos do natal do nosso Salvador, essa ave canta durante toda a noite. Então, espírito nenhum anda vagante, dizem; todas as noites são salubres; os planetas não têm influência, os gnomos, os bruxedos: tão gracioso é esse tempo e tão sagrado.

É nítida a referência de Marcelo ao Natal de Jesus Cristo, o “Salvador”, escrito com letra maiúscula, bem como a importância deste tempo para eles, cristãos – “tão gracioso é esse tempo e tão sagrado”. O “nosso Salvador” é a concretização do amor que mantém a vida na terra, dessa maneira, é Pai e Mãe, não é isolado, não se inventou, não é independente, antes, constitui o tecido da família humana para divinizá-la.

⁸² 1. O fundamento do ser; 2. O grande companheiro; 3. Deus é negra; 4. Deus é Pai/Mãe, o salvador (*Dios, el salvador*).

⁸³ Marcelo compõe, juntamente com Bernardo e Francisco, a guarda de Elsinore. Bernardo e Marcelo são os primeiros a alertar Horácio, grande amigo do príncipe Hamlet que viera a Elsinore para os funerais do Rei Hamlet, sobre a aparição do fantasma do velho Rei.

Assim, todas as recorrências do vocábulo “Deus”, com letra maiúscula, e seus vocábulos isotópicos⁸⁴, conduzem para uma única possível referência ao Deus conforme conceituado nesta pesquisa, como evidenciam os seguintes episódios: i) quando o príncipe Hamlet exclama: “Não, pela Cruz!” (Ato III, Cena IV, p. 86⁸⁵), evocando o amor que “quebra” o mal e conduz o homem à contrição, à conversão (Cf. SESBOUÉ, 2000, p. 347). O sinal da cruz, que se perfaz enunciando os três nomes divinos: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (a revelação da Trindade) evidencia a vinculação originária entre a cruz e o mistério da Trindade (Cf. SESBOUÉ, 2000, p. 487); ii) quando Horácio cumprimenta o príncipe Hamlet, dizendo “Deus guarde a Vossa Alteza”, invoca a bênção⁸⁶ de Deus para o príncipe; iii) no momento em que o príncipe Hamlet conversa com o espectro (fantasma de seu pai) – “Oh, Deus!” (Ato I, Cena IV, p. 35), em estado de admiração. Mais uma cena da representação de Deus, através da isotopia “céu”, acontece no diálogo entre Hamlet e Horácio, em que o príncipe expõe ao amigo como alterara o despacho real, contendo a ordem para matá-lo: “HAMLET: Nisto o céu me ajudou. Tinha na bolsa o sinete que fora de meu pai e que serviu de norma para o selo da Dinamarca...” (SHAKESPEARE, 2000, p. 126).

b) PERDÃO

Na obra em foco, podem-se destacar quatro representações do “perdão”, na versão em língua portuguesa, disponível *on line*, pela VirtualBooks (SHAKESPEARE, 2000):

1. Ato III, Cena III:

O REI: Muito obrigado.

(Sai Polônio.)

Está podre o meu crime; o céu já o sente. A maldição primeira pôs-lhe o estigma: fraticida. Rezar, não me é possível, muito embora o pendor siga à vontade; a culpa imana vence o belo intento. [...]. Alço os olhos. Meu crime já passou; mas, que modelo de oração servirá para o meu caso? **Perdoai**-me o crime monstruoso e horrendo? Não pode ser, que me acho, ainda, de posse de quanto me levou a praticá-lo: o trono, meus anelos e a rainha. **Perdão** alcança quem retêm o furto? Nos processos corruptos deste mundo pode a justiça ser desviada pela mão dourada do crime, e muitas vezes o prêmio compra a lei; mas não lá em cima, onde não valem manhas; o processo não padece artificios, e até mesmo nos dentes e na frente do delito teremos de depor. Que ainda me resta? Tentar o que o arrependimento pode.

⁸⁴ Palavras consideradas “irmãs”, pertencentes ao mesmo campo semântico. (D’ONOFRIO, 2000, p. 35).

⁸⁵ Nas exemplificações do texto da tragédia, usa-se a localização nos atos e nas cenas acrescida das páginas do texto de Shakespeare disponibilizado pela VirtualBooks, *on line*, 2000.

⁸⁶ “O significado primordial do termo é o de ‘invocar a divindade, a sua proteção sobre as pessoas e sobre as realidades humanas’” (SARTORE; TRIACCA, 1992).

Oh! Como é poderoso! Mas que pode fazer com quem não sabe arrepender-se? Terrível situação! Ó peito mais escuro do que a morte! Ó alma viscosa, quanto mais te esforças, mais te sentes enleada! Anjos, socorro! Dobra-te, joelho altivo! Coração de aço, fica tão brando quanto os músculos de um recém-nato. Tudo talvez volte a ser como era.

(Afasta-se e ajoelha.) (SHAKESPEARE, 2000, p. 83-84).

Fazendo-se valer, mais uma vez, de elementos da Igreja Católica, como os vocábulos “rezar” e “anjos”, bem como o ato de conversão/arrependimento dos pecados, com o gesto de ajoelhar-se, o bardo inglês põe na boca do rei impostor (Cláudio) o pedido a Deus pelo dom da conversão, invocando a Graça de Deus e o socorro dos anjos. Está-se diante do próprio assassino do rei da Dinamarca (Hamlet), no seu momento de arrependimento diante do poder de Deus para perdoar os pecados. Trata-se de um exemplo de súplica de perdão a Deus, na sua dimensão vertical: entre o homem e Deus.

2. Ato III, Cena IV:

HAMLET: [...]. Ao céu voltei-vos; mostrai-vos do passado arrependida; evitai o futuro, sem que o joio adubeis e lhe deis, assim, mais viço. **Perdoai-me** esta virtude, que nesta época bem cevada e de fôlego cortado necessita a virtude rebaixar-se ao próprio vício e apresentar-lhe escusas por tudo o que de bem possa fazer-lhe. (SHAKESPEARE, 2000, p. 90, grifo nosso).

O príncipe Hamlet expõe para a mãe o seu real estado de saúde – nega estar louco, quando denuncia o assassinato de seu pai, o rei da Dinamarca – e implora que ela se converta: “Ao céu voltei-vos...”, convidando-a a confessar todo o seu crime a Deus, e adverte para o “futuro”, recordando a parábola do joio e do trigo, escrita no Evangelho de Mateus (13,24-30), na qual o evangelista lembra o Direito Romano, que proibia a plantação de joio no meio do trigo do inimigo. Da mesma forma, nesse trecho, o joio é entendido como as pessoas submissas ao maligno, que serão apartadas das pessoas pertencentes ao Reino de Deus. Por fim, roga o perdão à mãe, afirmando que, nesses tempos flácidos, a virtude deve pedir perdão ao vício para realizar o bem. Trata-se, então, do perdão na sua dimensão horizontal – entre as pessoas. Mostra o príncipe, com seu comportamento, que as pessoas mais fortes em Deus são as que pedem perdão, pois o perdão é dom que Deus concede aos seus.

3. No Ato V, Cena II (SHAKESPEARE, 2000, p. 132-133), nitidamente, está-se diante de um pedido de perdão na sua dimensão horizontal – o príncipe Hamlet pede perdão a Laerte, demonstrando sua nobreza de espírito quando faz o pedido publicamente. Apela para a alma generosa de Laerte afirmando ter ferido o irmão sem a intenção de fazê-lo. Seu modelo de

perdão segue o próprio Deus Pai, na sua infinita misericórdia para com a humanidade, sempre pronto a perdoar.

4. Ato V, Cena II:

LAERTES: É justo! É justo! O veneno, ele mesmo o preparara. **Perdoemo-nos**, agora, nobre Hamlet. Que minha morte e a de meu pai não caiam sobre ti, nem a tua sobre mim. (Morre.)

HAMLET: O céu te absolva; sigo-te. Estou morto, Horácio. [...]

(Marcha ao longe; tiros de canhão por trás da cena.) (SHAKESPEARE, 2000, p.136, grifo nosso).

É a cena de fechamento da peça e, como é característico em uma tragédia, antes, já haviam morrido Ofélia, Polonio, a rainha Gertrudes e o rei Cláudio. Laerte pede a Hamlet o perdão pela sua morte – que ela não seja motivo de sua condenação -, bem como deseja que a sua morte e a de seu pai não recaiam sobre Hamlet, como razão para condenação. Mais uma vez, acontece o perdão na dimensão horizontal.

5 CONCLUSÃO

A obra de arte é, realmente, repleta de ângulos passíveis de observação e de análise, mesmo que pareçam, a uma primeira vista (ou lida), impossíveis de existir, como demonstra esta pesquisa no texto da peça do grande escritor inglês William Shakespeare: inicialmente, diante de uma classificação como “tragédia de vingança”, poder-se-ia questionar: é possível haver representação de Deus nessa peça? E o perdão teria espaço em uma obra em que tudo parece conduzir para o nível puramente horizontal, humano? A resposta transparece pela quantidade de material recolhido.

Conclui-se que a obra literária em foco não somente contém os dois elementos teológicos explorados (além de outros), como, pela quantidade e pelo lugar que ocupam na peça – estão representados nas falas dos personagens centrais e, não somente nos personagens periféricos – constituem um vocabulário de preferência⁸⁷ do autor, selecionado com todo o cuidado que requer. E este é o nexos original a que se aludiu anteriormente: o uso do recurso do vocabulário cristão para a construção de uma tragédia.

⁸⁷ “Na composição de um texto literário, nenhum vocabulário é ali colocado que não passe pelo crivo do autor, nada é escrito por acaso. Os três tipos de vocabulário geralmente usados são: diz-se diferencial (ou desprezível) pelo fato do autor usar esse vocabulário por força da situação ou por algum interesse que ele almeje; escolha marcada pela rejeição, pelo abandono, pela oposição temático-expressiva do vocabulário preferencial; o segundo tipo de vocabulário é o básico, determinando uma escolha básica, comum, emprego normal, na média, o tronco comum da obra; o terceiro vocabulário é o preferencial, denotando escolha cuidadosa e privilegiada dos itens lexicais.” (SOUZA, 2006, p. 70).

REFERÊNCIAS

AXIOMA. *Significados*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.significados.com.br/axioma/>. Acesso em: 1º de nov. 2017.

BINGEMER, Maria Clara Luchetti. *As escrituras sagradas nos três monoteísmos*. [s.d.]. Disponível em: <http://agape.usuarios.rdc.puc-rio.br/amai/escrituras.PDF>. Acesso em: 19 de julho de 2017.

BORN, A. Van den (Red.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 5. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1992.

BRASIL. *Código Penal*. Decreto-Lei nº 2.848 de 07.12.1940 alterado pela Lei nº 9.777 em 26.12.1998. 4. ed. atualizada em 31 de dezembro de 1998. Disponível em: http://www.oas.org/juridico/mla/pt/bra/pt_bra-int-text-cp.pdf. Acesso em: 6 nov. 2017.

CALDAS, Carlos. Elementos religiosos em Moby Dick, de Herman Melville: da (re)descoberta da importância da Literatura para o estudo da religião. *Revista Ciências da Religião: História e Sociedade*, São Paulo, Ano 2, n. 2, p. 161-176, 2004. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/2321/2171>. Acesso em: 10 out. 2016.

CNBB. *Liturgia Diária*. 2ª-feira da 32ª Semana do Tempo Comum. Dia 13 de novembro de 2017. Reflexão Lc 17, 1-6. Disponível em: www.catolicoorante.com.br/liturgia.php. Acesso em: 13 nov. 2017.

HAGIÓGRAFO. *Dicionário Informal*. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/hagi%C3%B3grafo/>. Acesso em: 02 de agosto de 2017.

HENRIQUE VIII. *Só História*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.sohistoria.com.br/biografias/henrique/>. Acesso em: 6 out. 2017.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Dives in Misericordia, do Sumo Pontífice João Paulo II, sobre a misericórdia divina*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*. Tradução Luiz João Baraúna. Petrópolis (RJ): Vozes; Aparecida (SP): Santuário, 1994.

McFAGUE, Sallie. *Modelos de Deus: teologia para uma era ecológica e nuclear*. Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 1996.

OLIVEIRA, Ellen dos Santos. O que é mimese. *Fazendo Letra*, 2017. Disponível em: http://fazendolettrasfslf.blogspot.com.br/2013/05/o-que-e-mimese_4156.html. Acesso em: 25 outubro 2017.

PASSOS, João Décio. *Teologia e outros saberes: uma introdução ao pensamento teológico*. São Paulo: Paulinas, 2010.

PEREIRA, Lawrence Flores. Introdução. In: SHAKESPEARE, William. *A tragédia de Hamlet, o príncipe da Dinamarca*. Tradução, introdução e notas de Lawrence Flores Pereira; ensaio de T. S. Eliot. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2015. p. 7-32.

PUCRS. *Manual de redação*. [s.d.]. Disponível em:
<http://pucrs.br/manualred/maiusculas.php>. Acesso em: 01 de novembro 2017.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *El Dios de Jesús: aproximación en cuatro metáforas*. 2ª edición. Maliaño (Cantabria): Editorial Sal Terrae, 1991.

RIBEIRO, Osvaldo Luiz. *Teopoética ou Literatura e Teologia? – sobre a urgência de uma definição programática*. 19.05.2007. Disponível em:
http://www.ouviroevento.pro.br/teologicofilosoficos/teopoetica_ou_literatu.htm. Acesso em: 02 de outubro de 2016.

SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. *Dicionário de Liturgia*. Tradução Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.

SESBOÜÉ, Bernard. *Creer: invitación a la fe católica para las mujeres y los hombres del siglo XXI*. Traducido por Juan Padilla Moreno. 4. ed. Madrid (ES): San Pablo, 2000.

SHAKESPEARE, William. *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. Edição especial para distribuição gratuita pela Internet, através da VirtualBooks, com autorização de Nelson Jahr Garcia. 2000. Disponível em:
<<http://www.faculdadearaguaia.edu.br/site/servicos/downloads/bib-classicos/hamlet.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016. (Coleção *Ridendo castigat mores*).

_____. *A tragédia de Hamlet, o príncipe da Dinamarca*. Tradução, introdução e notas de Lawrence Flores Pereira; ensaio de T. S. Eliot. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2015.

SOUZA, Marly Gondim Cavalcanti. *Análise músico-literária dos poemas de Walt Whitman, Antônio Francisco da Costa e Silva e Léopold Sédar Senghor*. 2006. 420f. Tese (Doutorado em Letras/Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal de Pernambuco/Université d'Artois, 2006.